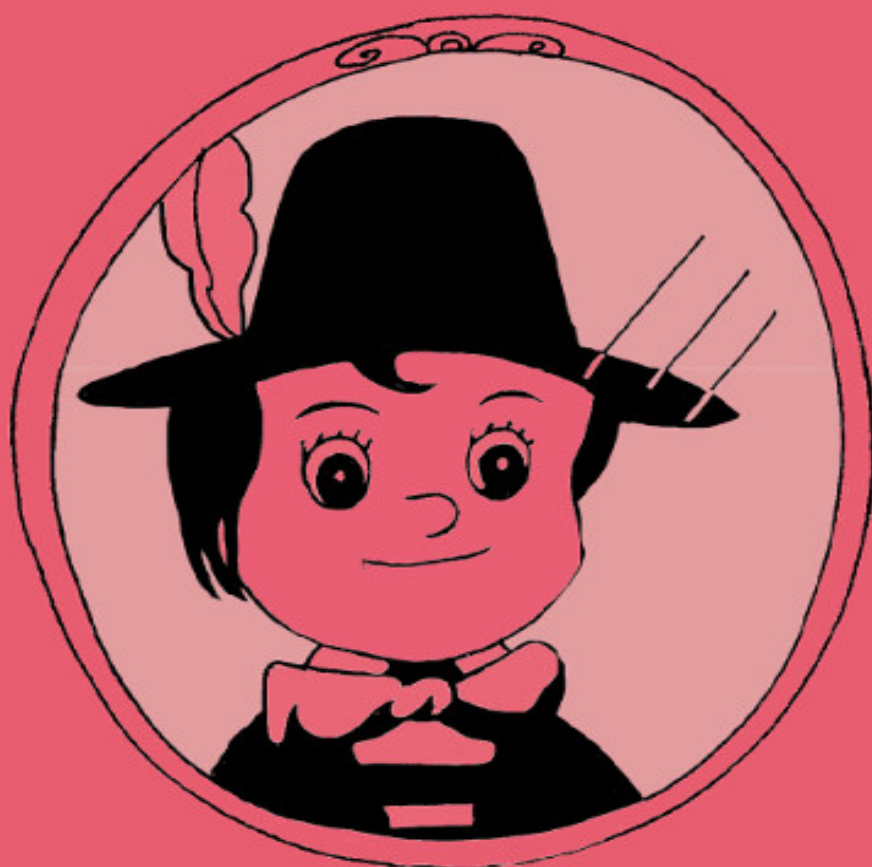


FABRÍCIO CARPINEJAR

menino da verdade



edelbra

FABRÍCIO CARPINEJAR

menino da verdade



edelbra

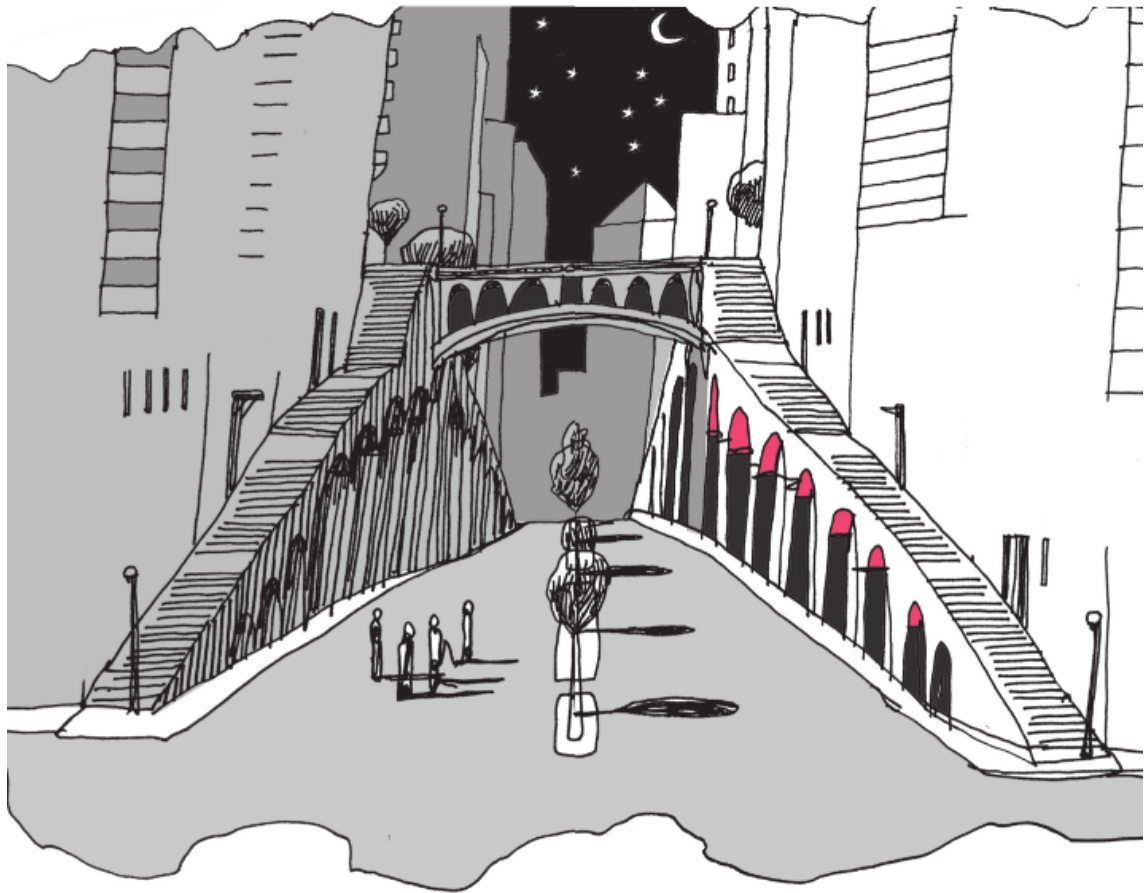
A **Coleção Vida em Pedacos** apresenta as lembranças de infância de Fabrício Carpinejar. Nestas crônicas, os acontecimentos cotidianos ganham de volta a magia perdida com a chegada da vida adulta. Através das memórias do autor, temos acesso às nossas felicidades de criança.

Esta é a minha biografia. Se eu inventei é porque não consegui suportar a realidade.

Sumário

Capa
Rosto
Sumário
Quando o presente tem a força do passado
A janela adesivada de minha adolescência
Não sou acompanhante terapêutico
Quando a amizade é para sempre
Quando a casa é ninho
Frangos de Natal
Sanfona
Caviar
Macheza
A cama que subiu aos céus
A orelha de Eduardo
Sessão pipoca
Competição de pecados
Planetário
O colo da letra
Anjo justiceiro
Por que escritor?
Zorrilho
A teimosia do gandula
Entre nós
O sonho é minha imensa saudade de você
Gaiolas de pão
Técnicas domésticas
Por que menino não brinca de boneca?
Quando fugi de casa
O país do invisível
Casa alugada na praia
Minha árvore predileta
Quando as palavras voaram

Porto Alegre a pé
O tênis que deixou de ser branco
Menino da verdade
Cebolão e escapulário
Autores
Créditos



Quando o presente tem a força do passado

Eu recebi um presente de aniversário que ninguém entendeu o que significava: um carrinho queimado, sem rodas, sem portas. A carcaça de um carrinho de criança. A lataria de um carrinho de criança.

Se houvesse um ferro-velho infantil, morreria abandonado num canto.

A mulher, os filhos, a mãe e os amigos olhavam com desprezo o miniveículo carbonizado, entregue um pouco antes de soprar as velas do bolo.

Quem teria feito esta brincadeira de mau-gosto? Parecia deboche.

Fora deixado na caixinha de correio, num pacote improvisado, preso por um durex já seco da cola. No rastro do papel, não encontrei cartão e dedicatória.

Logo que abri o embrulho, engoli o choro. Tossi o choro. Diante dos presentes em círculo pela mesa, o pasmo, o pânico. Por que me desesperava com um presente inútil?

Além da embalagem visível, existia uma segunda, invisível, que não permitia à família acompanhar o que se desenrolava dentro de mim. Somente eu poderia tirar a segunda embalagem sigilosa, que envolvia a emoção da memória.

Minhas pálpebras desapareceram. Meus cílios desapareceram. Desapareceu qualquer proteção entre os olhos e a queda das lágrimas.

Era meu carrinho da infância dado pelo irmão Rodrigo.

Voltei a ser o Bito, como Rodrigo me chamava. Rodrigo voltou a ser o Igo, como eu o chamava. Voltei a enxergar seus cabelos cacheados cobrindo as orelhas, voltei a ouvir nossas confidências de quintal.

Era um carrinho amarelo que fazíamos experiências quando pequenos. Um carrinho que retirávamos da coleção para testes. Um carrinho sorteado entre dezenas para aguentar tombos e provações.

A gente queimava, jogava do alto do terceiro andar do prédio, atropelava com nossas bicicletas, arremessava no chão com violência de bombinhas,

para ver se ele resistia. Para ver se ele continuava vivo. Para ver se ele conseguia superar as adversidades e o peso do tempo.

Era disparado o mais ridículo presente, e o melhor que ganhei nos meus 42 anos, pois representava o segredo entre duas pessoas.

Num gesto simbólico, num pedaço retorcido de ferro, meu irmão Rodrigo me alcançou de novo a minha infância.

E me mostrou que nossa amizade também resiste a tudo. Superamos privações, dificuldades, distância, desentendimentos, ressentimentos, todas as capotagens possíveis, todas as mortes imaginárias.

Éramos o próprio carrinho amarelo, agora indestrutível em minhas mãos.

A janela adesivada de minha adolescência

Visitei a casa de minha infância onde mora minha mãe.

Sempre que entro no meu quarto, é como se regredisse no tempo.

Os móveis do jeito que deixei, a estante com os livros de Castañeda e Hermann Hesse, as gavetas com cartas e fotos de amores antigos, os quadros de Brecht e Guevara.

Fui abrir as janelas para tirar o cheiro de guardado de décadas e deixar o sol entrar. Ao pentear as cortinas ao meio, me dei conta que não dava para ver nada mesmo.

Lembrei que, como adolescente em minha época, adesivei todo o vidro.

Particpei de uma febre, uma moda entre os jovens: colar adesivos de lojas, de rádios, de marcas de camisetas.

A vidraça inteira coberta de propaganda. Não havia nenhuma frincha para escapar o olhar ao pátio.

A vidraça abarrotada como uniforme de Piloto de Fórmula 1.

A vidraça cheia como um álbum de figurinhas gigante.

A vidraça pichada de *slogans* e apelos comerciais.

Não faz muito sentido hoje, mas era uma das primeiras demonstrações de emancipação adulta.

Afrontávamos o modo de vida dominante, careta e organizado da família.

Como não contávamos com o direito de escolher a cama, a escrivaninha, as colchas e o armário, partíamos para personalizá-los. Ou seja, estragá-los.

Os pais ralhavam com a nossa mania. Para eles, significava lesar a conservação dos espaços e impedir a limpeza.

Nem havia mesmo como tirar depois. Ficava para toda a vida da película com sua cola aderente, grudenta, que só esponja de aço para remover.

Pôr adesivo tinha o mesmo peso de uma tatuagem e um *piercing*. Uma transgressão, uma clara discordância doméstica, sinal de que crescemos e que queríamos nossa independência, nosso caos, nossa bagunça, expor as

nossas preferências. Realizávamos escondidos, distanciados da censura dos mais velhos.

Entre os meus colegas de escola, disputava os decalques. Se recebia um novo, de formato diferente, já festejava e esnobava diante da turma nos grupos de estudo.

Os mais chinelos eram os de postos de gasolina, os mais venerados eram os de jeans com frases de efeito: Liberdade é uma calça velha / Azul e desbotada / Que você pode usar / Do jeito que quiser.

A janela adesivada ilustrava o isolamento do adolescente, que cria um forte em seu quarto, uma trincheira de seus gostos, apartando-se cada vez mais do resto da residência até sair em definitivo. Explicava o quanto vivíamos para dentro, em nossos devaneios. A paisagem não existia, unicamente nossas ideias, fantasias consumistas e palavras. Período saudoso quando morava apenas em meus pensamentos e acreditava que o mundo deveria me obedecer.

Não sou acompanhante terapêutico

Lustrava maçã em minha camisa antes de sair para aula. Até ficar cintilante como lâmpada de cabaré.

Nunca fui fã de maçã, mas sempre admirei o brilho libertino das frutas.

Ou o brilho cansado dos sapatos. Preferia sapato usado a novo. Esfregava a flanela na graxa e dava a impressão de par novo, empacotado. Dedicava uma hora para envernizá-lo com o meu toque. Alisava as bordas, imprimia o mesmo tom, limpava as solas. Engraxar o sapato me ensinou a fazer massagem. Quem é amoroso com os cadarços não será desleal com os cabelos. Quem é cuidadoso com o couro não vai vacilar com a pele.

Na adolescência, diante da minha timidez cadavérica, passei a lustrar as palavras. Escrevia cartas de amor. Se uma menina me cumprimentava, já me debruçava na tinta ansiando pelo namoro. Fui um Casanova do amor platônico, nenhum realizado até os 15 anos.

Confiava demais nas minhas palavras. A palavra sofria mais do que eu. Eu me importava mais pelo seu efeito do que pela sua origem. O que queria era seu reflexo no outro. Como um mentiroso que conta farsas olhando nos olhos, para ver se pode prosseguir, para confirmar a audiência.

Falava para antecipar, para me ocupar, para me povoar. O que valorizava era o brilho. O brilho da letra negra.

Havia uma onipotência que não me fazia parar. Qualquer assunto, qualquer dor.

No ensino médio, o colega Charles passou por uma crise nervosa. Jogou todas as roupas pela janela. Bebia em excesso, fumava em excesso, morria em excesso nas festas da turma. Pensei que a família não sabia lidar com ele. Não entendia sua cabeça de adolescente. Para nós, a loucura consistia numa aventura extravagante pelo corpo, com passagem de volta. Éramos loucos por obrigação, orgulhávamos das bebedeiras, dos desmaios, das brigas.

Tomado do sacerdócio da fala, convidei para que fosse dormir lá em casa. Seus pais aceitaram, mas me recomendaram cuidado. Virei os ombros

e disse que estava acostumado, que dava conta do problema. Enfrentamos duas horas de conversa, ao som de *Dire Straits*. Sondava os fundos das lembranças, emparedei o amigo de curiosidades esquisitas e irrelevantes, ele narrou seus traumas, chorou e pediu para dormir. Coloquei um cobertor a mais em sua cama, como se ele fosse meu filho. Eu o salvei. Veio um contentamento curativo. Lembro de concluir que foi mais fácil do que imaginava.

No meio da madrugada, ele salta, derrubando o abajur.

– Tira ele de perto de mim? Tira? Ele vai me morder, gritava.

– Quem? Quem?

– O cachorro.

Não havia cão em casa, ele se referia ao tapete. E arremessou o tapete no armário e abriu minhas gavetas e lançou as camisas e os livros no chão e mordeu meu braço ao segurá-lo. Indomável, com os olhos esbugalhados, caroços de cometas.

O choro foi rápido demais para a lágrima. Tranquei meu colega no quarto e pedi ajuda para a minha mãe.

– Eu não sei como controlar, ele enlouqueceu.

Pela primeira vez, não usei uma expressão sem acreditar. Era loucura mesmo. Não podia curá-lo. Não tinha preparação. Não tinha estudo. Não tinha nem silêncio.



Quando a amizade é para sempre

Nunca determino a origem das amizades. Os melhores amigos parecem que estão comigo a vida inteira.

Não guardamos o aniversário de encontro. Não faremos bodas de ouro, nem cobraremos presentes ou lamentaremos injustiça por lapsos.

Não decoramos a data do primeiro abraço, do primeiro riso, do primeiro porre.

A amizade tem uma memória solta. Diferente do amor, onde tudo gira em torno de estreias e contagens comemorativas, do namoro ao casamento.

Casal que não recorda do início acelera seu final. Já o amigo não tem tabuada e nascimento, é a benção da tranquilidade. Jamais telefona para recriminar, ou cruza informações para testar o nosso amor.

Apesar do despojamento, conquistar uma amizade não é fácil. Passa a existir de verdade num momento específico. Antes, despontava como esperança de cumplicidade.

O amigo se realiza quando não nos abandona no perigo e na dificuldade. Quando ele demonstra a mesma lealdade da alegria durante a tristeza.

Atravessaremos um portal para consolidar a afinidade, compactuar o sangue, justificar o cuidado. Daquele instante em diante, nada mais será necessário provar.

É uma manifestação de absoluta sinceridade que alçará o amigo a partilhar o resto de nossos dias.

Não teremos mais como quebrar os laços e desfazer o companheirismo.

Mário Corso é um dos meus escudeiros prediletos. Desde a infância.

Somos unha e carne, mafiosos, inseparáveis. Desde uma tardezinha de novembro de 1979.

Um por todos, todos por um.

Não lembro quando começamos a nos falar, mas conservo a visão nítida de quando começamos a nos admirar.

Na infância, nosso *hobby* principal consistia em pular muros e portões e roubar frutas no bairro.

Eu participava da turma mais velha, espécie de nanico, de anão de jardim, de mascote dos guris mais velhos da quarta série. Recrutado como mão mecânica para colher os galhos mais longínquos (qualquer bando que se prezava admitia uma criança em seus quadros de molecagem para trabalhos especiais, devido ao tamanho e à leveza).

Quando invadimos a casa da madre superiora do Colégio Santa Inês, para desfalcicar as tangerinas do seu quintal, ela me apanhou de surpresa na árvore. A desgraçada me puxou para dentro da casa pela janela. Fui sugado pelas suas mãos frias e raivosas.

Para quê? Meus colegas desapareceram em segundos. Ao me flagrar preso, escaparam rapidamente.

Eu tremia, chorava, não raciocinava, imaginava castigo na escola, repreensão familiar, humilhação na igreja.

Antevia que iria apanhar de palmatória.

Fechei os olhos ao pior.

Na hora em que a madre veio puxar minhas orelhas, a campainha tocou.

Era Mário Corso, meu amigo ruivo.

Ele retornou da deserção, não suportou me largar sozinho.

– O que quer, menino? – ela gritou.

Ele colocou inocentemente seu cabelo suado para o lado direito e respondeu:

– Estamos juntos!

Essas duas palavras soldaram nossa amizade para sempre. Não há quem possa estragar.

Quando a casa é ninho

Meus pais têm um vocabulário próprio: matar o cachorro a grito, chorumela, nem que a vaca tussa, onde fui amarrar meu bode, chispa daqui, é dose para elefante, firme na paçoca.

Traduzíamos mentalmente na infância e na adolescência.

Chover era toró, fazer xixi era tirar água do joelho, cansar de um assunto era pó da rabiola, lugar distante era caixa-prego, criança agitada era serelepe.

Eu e meus irmãos vivíamos registrando as expressões, aperfeiçoando o dicionário oral, para não sermos ofendidos de mocosongos.

Havia um respeito obrigatório pela língua nativa. Ríamos no começo, depois aceitávamos as excentricidades que destoavam do que aprendíamos na escola, em seguida entrávamos na fase da vergonha coletiva.

Revoltávamos no momento em que falavam em público ou quando se comunicavam com os nossos amigos. Considerávamos os pais excessivamente velhos, pela estranheza que geravam nos outros. Ninguém de nossa turma conhecia suas gírias, e recebíamos o encargo de sempre explicar que porra eles estavam dizendo, se aquilo significava ofensa ou elogio, se estavam felizes ou irritados.

Sem perceber, acabei herdando uma das expressões. Incorporei uma das antiguidades familiares. Veio comigo e continua comigo. Sobreviveu ao meu preconceito e minha ânsia de ser atual.

É a palavra pousar para dormir.

– Pousará fora?

– Onde vai pousar?

– Ninguém pousará em casa, estaremos viajando.

Acho que pousar é melhor do que dormir mesmo.

Sou um pássaro disfarçado.

Frangos de Natal

Eu não deveria ter comido aquele frango.

Se pudesse fazer um pedido natalino, seria anulação de uma lembrança.

Eu dediquei anos da infância acompanhando a televisão de cachorro. Das 11h30 às 14h, Seu Alencar botava a vistosa máquina na calçada da Rua Lageado, em Porto Alegre.

O armazém da esquina virava um camelô de restaurante. O dono aproveitava o retorno das famílias da missa no meio da manhã, a maioria confessada e comungada, para atizar o pecado da gula.

Eu pegava um banquinho e suspirava diante do carrossel de coxas e asas. A festa de óleo produzia um cheiro adocicado e reunia os vira-latas dos bairros mais longínquos.

Era meu futebol. Meu aquário. Minha caixa de música. Meu abajur de luzes coloridas.

Não desgrudava as pupilas da dança epilética. Dos quatro andares do edifício de pura carne. Esperava um enguiço das rodas, um acidente que travasse o andamento circular e onipotente.

Os frangos lindos, dourados, giravam com lentidão. Frangos pedalando como ciclistas ao redor da praça. Frangos crepitando, bronzeados ao sol. Esbanjando saúde com peitoral de nadadores olímpicos.

Tão apetitosos. Tão crocantes. Inclusive o osso parecia comestível.

Conversava com os franguinhos, descrevia os jogos da escola e as brigas com meus irmãos.

Delirava. Como seria bom chupar os dedos engraxados. Lamber a pele corada dos giros. Passar mal depois de abusar da boca.

Minha mãe preferia cozinhar. Não havia possibilidade de pôr as mãos naquelas coxas e levá-las na marmita de alumínio.

Tratava-se de uma vitrine inacessível.

Até que a mãe adoeceu e o pai, desnorteado, sem dominar qualquer coisa no fogão, com a gurizada faminta reclamando o almoço, me deu dinheiro e

pediu para buscar três frangos no bar. Acontecia o que eu esperava.

Seu Alencar me recebeu:

– Veio assistir à rodada?

– Não, hoje vou levar três, capricha...

Depois de intensa e alentada véspera, não descobri nenhum prazer ao comê-los. Insossos, destemperados, carne dura. Repeti o prato para variar o gosto e não surtiu efeito. Não encontrava um pedacinho que se assemelhasse à aparência brilhante e sedutora do portal de vidro. Fui traído pela minha imaginação.

O trajeto sempre idêntico. Carregava a mochila branca encardida por cerca de 500 metros na saída do Colégio Aplicação, em Porto Alegre. Conhecia de cor: atravessava a Paulo Gama e perambulava como uma formiga e seu torrão de açúcar diante das imensas palmeiras da Osvaldo Aranha. Eu pegava o ônibus Carlos Gomes na parada do Instituto de Educação. Ações previsíveis: 12h15 batia a sineta, 12h25 estava sentado na primeira fileira atrás do cobrador, 12h50 chegava em casa.

Não arriscava aproximações. Meus doze atarefados anos não permitiam duvidar de outro caráter senão o meu. Espinhas aumentavam o desconforto. Tinha uma franja que servia de óculos escuros. Momento constrangido, estudado de passeata, onde as turmas comentavam as aulas e qualquer gesto poderia ser motivo de piada. Os alunos da Zona Norte aguardavam a condução naquele ponto. Era um observatório, um farol, repescagem do recreio.

Para evitar a avaliação dos colegas, rastreava a passagem do ônibus no começo da avenida e corria desesperadamente para reaver o mundo familiar. Repeti a dinâmica numa segunda-feira. Avistei a tarja laranja da frota da Carris, faltou apenas confirmar o letreiro, o sangue acelerou e corri como um galo sendo caçado. As abas do meu casaco azul levantaram, troteava pelo peso dos livros de matemática e biologia. O ônibus parou rapidinho, poucos passageiros subiram, tempo que deu para pisar no primeiro degrau e ir. A porta fechou na minha cara. Ou na metade dela. Fiquei prensado na torradeira da porta. Sanfonado. Com a mochila do lado de dentro e o braço esquerdo acenando para a multidão do ensino médio. Comecei a gritar: “Abre, abre, abre!”. Mas minha boca ficou para fora. Não obtive ajuda de nenhum tripulante. Concentrei-me para não cair.

Foi o maior vexame de minha vida. Arrastado por duas paradas. Porque não havia passageiros para embarcar. A curva quase me matou de asma. Tentava raciocinar que não pagaria passagem, encontrar alguma vantagem.

Não me convenci. O ônibus ainda era o errado: Jardim do Salso. Percorri o caminho a pé, digerindo o desastre que seria a minha história escolar dali por diante. O estigma. A lenda patética. A fama de palhaço e desastrado. Perderia os amigos próximos e dobraria a distância dos que não falavam comigo. Na manhã seguinte, forjei febre, enxaqueca, mal-estar, não desejava voltar para a escola. Nem forçado. Minha mãe puxou as cobertas e não se dobrou aos meus gemidos e resmungos.

Ao entrar na sala, devem deduzir o que aconteceu, não?

Risos que não terminavam de recomeçar. Gelei os calcanhares e aceitei o banquinho da forca. Baixei a cabeça, até que o Ricardo tocou em meus ombros:

– Genial ontem, hein?

Hélio mandou um bilhete:

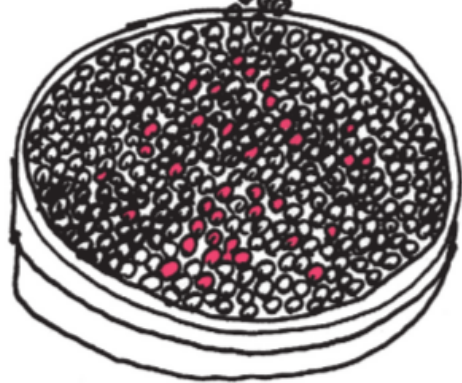
– Você surfou o ônibus, deu um cano maneiro!

Elisa me convidou a aparecer em sua festa no final de semana. Perguntou ainda se bateria o recorde de duas paradas.

Todos me assediaram no intervalo, espalhando que meus gritos significavam bravura (“Arre, arre, arre!”).

Recebi a fama de domador do asfalto.

Não neguei nada. Não faço mais pesquisa de opinião, muito menos busco entender o que os outros pensam de mim.



Meus pais nunca ficaram satisfeitos comigo na mesa. Queriam um filho gordo, fofinho, com pretensões épicas.

Para eles, foi um desastre dispor de uma criança sem massa bélica. Sem dobras para beliscar. Uma tábua lisa. Amor franzino.

Não tive bochechas de almofada de alfinete, muito menos barriguinha para cócegas.

Era osso sobre osso. Forquilha de estilingue.

Sofria a neurose da insatisfação.

Eu comia tudinho, eles ralhavam:

– Não gostou da comida, né? Nem repetiu...

Quando repetia a porção:

– Não gostou da comida, né? Repetiu uma só vez...

Quando repetia novamente:

– Não gostou da comida, né? Repetiu somente duas vezes.

A súplica não tinha fim. Eu vivia sonhando almoços e jantas para satisfazer o ego materno e paterno no tempo vago.

Saúde não significava limpar o prato, mas limpar a panela.

Carecia de espaço no corpo e no olfato para atender às expectativas. E ainda havia o doce, com igual cobrança.

A refeição tornou-se meu maior problema de relacionamento.

Sou receoso mesmo depois de provado o contrário.

Quando adolescente, trabalhando para um jornal, fui convidado a cobrir uma reunião-almoço numa federação de indústrias. Mesa chique, com garçons andando como mímicos atrás da gente e gaiolas cobrindo os pratos. Vários colegas de outros veículos apareceram para garantir o rango de graça, com a justificativa de acompanhar as palavras dos empresários (depois jornalista recebe a fama de morto de fome e desconhece o motivo).

Todos decidiram comer antes da palestra, prevendo a dificuldade em empunhar a caneta com o garfo. Na hora da sobremesa, localizaram com

gula uma delicada vasilha com bolinhas lilás. Uma mansão de patê, suflê, ou algo parecido e gelatinoso. Encheram seus potes de maneira canina. Barulhentas marmitas de obreiro; o queixume transbordando as bordas.

Enfiaram colheres generosas na boca por pressa e gula. E cuspiram com determinação nos cinzeiros, nos guardanapos, na toalha. Caretas de repulsa seguidas de jorros espectrais. Um exorcismo seria mais contido. Lembravam engolidores de fogo demonstrando o impulso feérico de sua arte.

Limparam o caviar da mesa, esquecendo a sua natureza inviável ao exagero.

Eu não peguei nada. Não por sabedoria e educação. Simplesmente porque pensei que era sagu.

Eu tinha um grande problema na escola para demonstrar a minha masculinidade.

Muitos colegas insinuavam que eu era uma menina. A merendeira rosa, herdada da irmã, agravou as evidências.

Não fazia nenhuma porquice. Guri mesmo mostrava bafo e não o escondia com as mãos. Guri bom se sujava, voltava do recreio suado do futebol e não se envergonhava. Retirava tatu do nariz, escandalizava as professoras revirando as pálpebras, promovia cusparadas do alto do muro em direção à rua, segurava o saco para impor autoridade.

E eu, aristocrata do guardanapo de papel, de camisa branca engomada, seguia à risca o pedido materno de obedecer e ser educado. Pedia passagem às cortinas e agradecia a luz das janelas. Gentil até para pisar na grama.

Vivia próximo do quadro-negro – e só dele. Não tinha aceitação. Tratado como um esquisito, uma criança afeminada, que ora despertava compaixão, ora gerava escárnio. A vergonha ainda enchia de *blush* a minha cara para piorar a situação.

Até fingia algum desleixo para diminuir a cobrança. Forçava grosserias. Mas não conseguia superar a prova de fogo da virilidade: arrotar.

Eu me censurava no sangue. Não sou de uma família que gritava saúde quando escapava o incômodo relincho, os pais penalizavam com “que nojo!”, “cadê os modos?”.

Fracassava miados. Juro que tentei. Gravava fitas-cassete para ensaiar. Não havia jeito: engolia ar, que se dispersava nas palavras. Soltava unicamente brisa, sopro cálido, resmungo. Não ressurgia com nenhum estrondo. Nenhum barulho vulcânico como os estudantes de minha classe. Produzia no máximo um humilhante soluço. A garganta deveria ter algum furo. Uma infiltração de cordas. Minha asma, acredito, enfraquecia a subida.

Com custo e dor, estapeava o peito, comprimia a barriga, dobrava as pernas, e nada.

Não cuspia nem pólvora, muito menos o fogo. Os piás reuniam-se no campinho para fazer concurso de arrote. Alegre arruaça, com edições mensais e fama eterna. Eles roncavam, eu ronronava. Compravam um litro de Coca-Cola e começavam as apresentações. As meninas aplaudiam os gladiadores da voz. Cada um tinha direito a um solo, a matar o leão no grito. Dois minutos depois de ingerir o gás, lançavam arrotos indescritíveis, letais, mais audíveis que a sineta. Não se esforçavam, transparecia como um movimento natural, assim como bocejar na hora da preguiça. Parecia que o pulmão saltava junto. Eram tenores do arrote.

No momento em que chegava a minha vez, alegava que não estava com sede e vontade. Todos me mandavam brincar de boneca.

– Vá lá com suas Barbies!

Pena que nunca participei de disputa de choro. Talvez a poesia seja exatamente isso.

A cama que subiu aos céus

— Vamos visitar o tio Juvenal no hospital?

Todos os meus irmãos franziam a testa para a mãe, alegavam que tinham prova no dia seguinte para escapar daquela fria.

Menos eu, que levantava o braço e gritava: — Eu, eu, eu! Não havia convite melhor, nem a praça com algodão doce me atraía mais.

Hospital significava um cheiro diferente, pessoas diferentes e imprevistos.

Juvenal não era tio, era amigo da minha mãe. Recebia a nomeação porque já era velho e estava morrendo.

Não conseguia enxergar sua morte, pois já o conheci morrendo: magro, ossudo, com os olhos grandes de caveira. Não podia comparar com sua fisionomia de antes. Nasceu moribundo em minha memória.

Gostava de Juvenal, mas gostava mais da falta do que fazer e falar dentro do quarto.

O silêncio constrangedor gerava brincadeiras.

Como não se comentava nada sobre seu estado atual, assumia o centro da atenção da enfermeira e do paciente.

Buscavam me distrair, convencer da alegria daquele espaço branco e luminoso, coberto de tosses e palavras cortadas.

Queria adoecer para deitar naquela cama. Queria pneumonia, tuberculose, doença de adulto.

Enquanto caminhava pelos corredores de mãos dadas com a mãe, respirava fundo para ver se contraía algum vírus nadando no ar. Com a boca escancarada, mentalizava para as partículas invisíveis: — Vem para mim, vem para mim!

A cama tinha uma manivela que levantava o encosto. Uma cama que virava sofá, uma cama que virava torradeira de gente, uma cama que subia suas paredes sem parar.

Para uma criança com uma televisão preto e branco em casa, sem nenhuma tecnologia, aquilo representava mágica.

Para uma criança que dormia num beliche, identificava poderes sobrenaturais na cama que regulava a altura.

Ao perceber Juvenal deitado, eu perguntava se ele não desejava sentar para conversar.

Ao perceber Juvenal sentado, eu perguntava se ele não desejava deitar para descansar.

Ele agradecia o carinho, e solicitava o favor de girar a chave.

E lá ia eu rodar minha roda-gigante particular.

O colchão subia aos trancos, numa sequência sucessiva de freadas.

Cada barulho da parada produzia um susto, e meu coração se alegrava. Eu ria alto, naquela gargalhada sincera e ansiosa que vem da mais profunda atenção.

Nunca me diverti tanto. Guardo a certeza de que o hospital foi meu principal brinquedo.

Quando Juvenal morreu, meus três irmãos foram no enterro. Menos eu, que precisava estudar para a prova do dia seguinte.

No fundo, não falei para ninguém, fiquei magoado com Juvenal, que subiu sozinho sua cama aos céus, sem pedir a minha ajuda.

A orelha de Eduardo

O melhor antídoto para a discriminação é a turma unida.

Quando os colegas se somam para uma competição, o *bullying* morre.

Todos têm importância: aquele com dificuldades de matemática recebe ajuda dos *nerds*, os *nerds* ganham aula de dança das meninas, os tontos adquirem esperteza, os malandros se regeneram em sensibilidade.

Os atritos de convivência são contornados pelo espírito coletivo. O grupo esquece as desavenças pessoais e valoriza cada um dos temperamentos da sala.

Não há deboche interno em nome de uma causa externa. Não há facções ou panelas em favor de um objetivo em comum.

Quando adolescente, minha turma participou de uma gincana entre as escolas de Porto Alegre.

Os rancores desapareceram no ato. Como a disputa elaborava charadas e pedia urgência nas respostas, descobríamos habilidades antes inimagináveis nos nossos colegas. Eu não sabia que a Mariana entendia de nós em cordas (seu pai era oficial da Marinha), eu não sabia que o Antônio dominava potência e motor dos carros, eu não sabia que a Aline conhecia trilhas ecológicas no Morro do Osso. Nossos preconceitos ruíram pela necessidade de resolver as questões. Ouvíamos ideias e sugestões, desprovidos de censura.

Não vencemos, mas nos unimos. A derrota também virou uma comemoração em equipe.

A emoção criou o milagre do entendimento: pôr-se no lugar do outro para sentir na pele a diferença.

Eduardo representou nossa transformação. Tinha um problema facial, uma longa queimadura na sua orelha. A orelha mal existia. O rosto direito era perfeito e simétrico, enquanto o lado esquerdo apresentava um rebaixamento grave.

Sara, durante a despedida dos jogos, quando a gente se abraçava e lamentava o resultado, caminhou na direção de Eduardo, que estava retraído numa cadeira do fundo. Ela segurou a face dele com as mãos e beijou – sem nenhum nojo – sua orelha derretida. Um beijo terno, doce, honesto. Podíamos escutar o pressionar dos lábios, nos viramos para admirar a cena, perplexos com a atitude imprevisível (Eduardo aguentava o desprezo, a mais severa discriminação na escola; ninguém encarava sua fisionomia, por medo).

Naquela hora, nunca mais vi na vida alegria igual. Uma alegria de família.

Experimentamos o riso da cumplicidade, que é mais delicioso do que o riso do deboche.

O sexo sempre foi misterioso. Mais ainda antes dele.

Uma necessidade ilegível, porque eu sentia e não a traduzia em palavras, ordens, apelos. Tinha 13 anos.

Naquela época, não continha a vontade de trepar. Analfabeto da própria nudez, impaciente com a lentidão das enciclopédias e conversa séria dos pais.

Fui, portanto, um primata na caverna do meu corpo. Eu me masturbei como quem descobre o fogo pelo atrito das pedras. Bem, não era fogo.

Gastei muito chuveiro. O corpo se mexia independente. Tal o cortador de grama que se descarrilou dos braços do pai e saiu depenando as margaridas e rosas do terreno vizinho.

Meu perigo era maior, não havia uma tomada para me segurar.

Por pouco, não fui o guri que prendeu seu pau no ralo de uma piscina, simulando uma transa. Sim, aconteceu essa cena no clube de minha infância. Todo o pessoal da piscina, metade do bairro, parou para ajudá-lo. O membro inchou e ele não conseguia tirá-lo. O rosto de cera do menino evitando encarar a multidão; traído pelo instinto, mirava seus pés murchando de frio, gemendo por dentro como um afogado. Mudou de cidade, de país, não duvido que tenha mudado seus traços.

Enfrentei um batalhão de constrangimentos. Um deles quando aceitei participar da famosa sessão pipoca. A turma de futebol promovia encontros, não decifrava do que se tratava, ingênuo como uma alface entre rúculas.

Elaborei infantilmente de que correspondia a uma sessão de vídeos para comer pipoca. Um cinema caseiro.

Mas o que saltava ali não era milho.

Ao entrar na casa vazia de um deles (vazia: leia-se sem os pais), ganhei uma cadeira e iniciaram a exibição de um filme pornô. Seis gurus se masturbando olhando para a tevê. Abriram as calças, movimentavam as mãos freneticamente, como se estivessem numa cabine telefônica,

protegidos uns dos outros. Uma naturalidade indescritível. De piquenique na sala.

Eu fiquei estabonado, e fui descoberto. Deveria mostrar serviço senão eles... diriam que não era homem. Não queria ser homem daquela forma. Não ficaria excitado escutando os gemidos masculinos ao meu lado. Precisava de privacidade, pudor. Lembro que fugi correndo e nunca voltei ao campinho. Passei a jogar no time adversário.

Foi o início do boato de que era gay.

O pior viria na semana seguinte. A ordem astrológica não estava a favor.

Era apaixonado por Rita. Como melhores amigos, a gente não se desgrudava nas aulas e nos recreios, traficando bilhetinhos e comentários açucarados. Não bastasse a imersão da escola, nos encontrávamos sempre às 19h, na sua residência verde de esquina. Nossos papos seguiam até as cigarras ligarem o carro de som.

Ela era virgem e eu fingia que não. Um envergonhado com receio de não ser aceito.

No meio de uma brincadeira, ela cancelou seus gestos. E, com a solenidade de um suspiro, me questionou à queima-roupa: – Como é fazer amor?

Guardo a impressão de um momento decisivo. Tipo a chance de um gol fácil numa final de campeonato. E que vou errar e me amargurar o resto da vida.

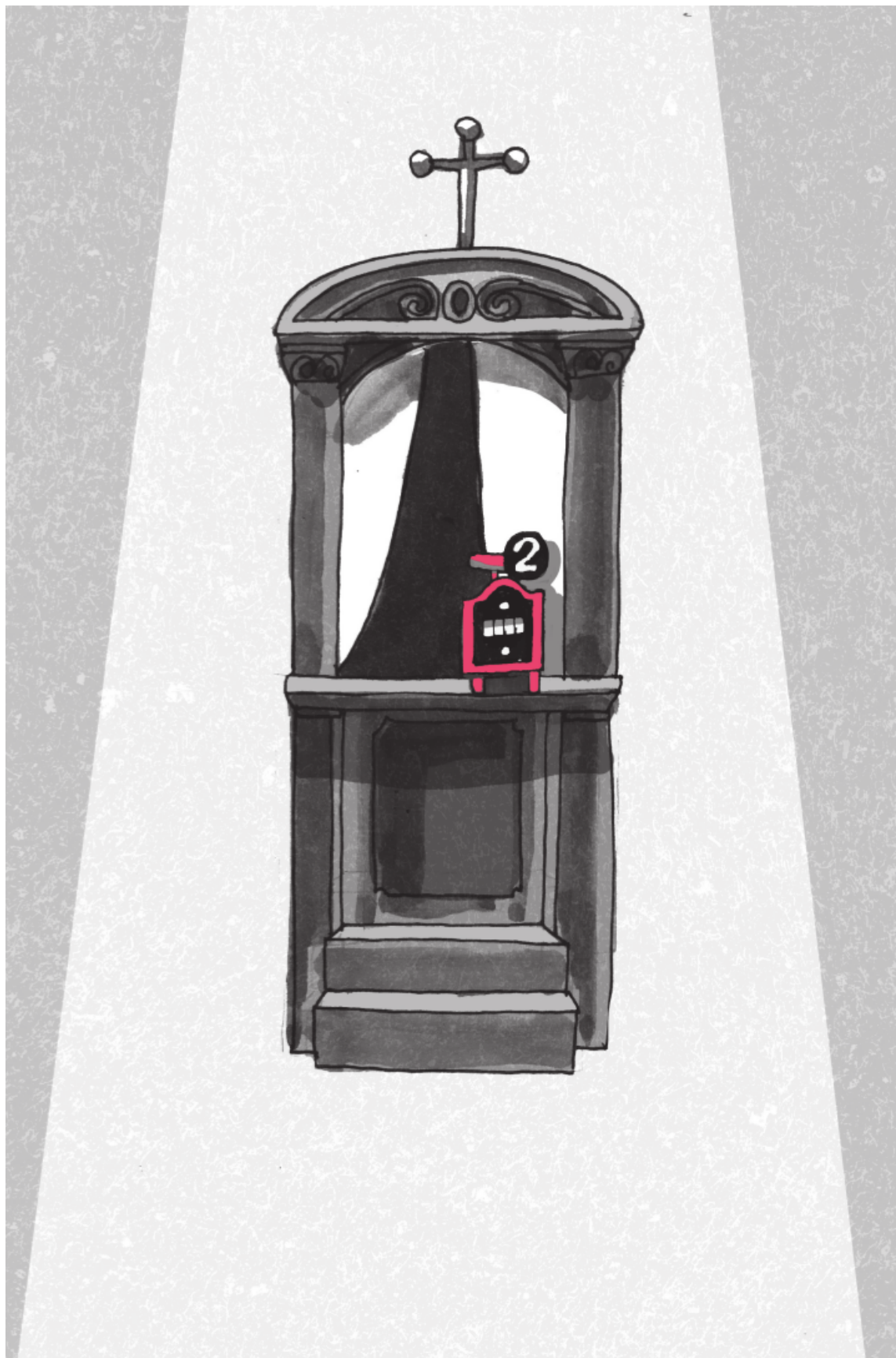
Não tinha noção, somente formigamento. Repeti o que vi rapidamente no filme pornô: – Um pouquinho na frente, um pouquinho atrás.

Ai, eu me envergonho até hoje da boçalidade.

Ela franziu a boca, desiludida:

– Deve doer.

O que dói, Rita, é essa minha lembrança de 30 anos.



Competição de pecados

Minha mãe telefona me avisando que está leve e feliz, foi na missa confessar.

Lasquei, de bobo:

– E aí, qual a sentença?

– Três ave-marias – ela respondeu.

– Tá brincando, mãe? Que penitência ridícula. Agora entendo a decadência da igreja: não consegue nem mais condenar.

– Para, não faço nada de errado.

– Mas você contou que era minha mãe ou se omitiu?

Ela desligou na minha fuça.

Completei a primeira comunhão e a crisma, e jamais compreendi como os padres calculavam nossos pecados.

Na hora de confessar, confiava que o padre consultava uma tabelinha de delitos. Um taxímetro da transgressão.

Na minha visão de menino, haveria uma rigorosa avaliação de erros e seus respectivos números e pesos. O Vaticano preparava uma escala oficial de dívidas morais e despachava para todas as sedes, com carimbo da Santa Sé.

Consistiria em longa lista, de crime e castigo.

Masturbação: 10 ave-marias e dois pai-nossos.

Cusparada: 20 ave-marias e dois pai-nossos.

Tapa: 30 ave-marias e quatro pai-nossos.

Puxar cabelo de irmã: 35 ave-marias e quatro pai-nossos.

Soco: 40 ave-marias e quatro pai-nossos.

...

O padre teria uma calculadora e faria a soma das confissões. O julgamento seria objetivo como a tabuada.

Mas não era o que acontecia, e não é o que acontece.

É um dos grandes males da Igreja Católica.

A subjetividade do julgamento sempre gerou inveja e concorrência nos pecadores.

Ficava com ciúme de Anamara que contava os mesmos pecados que eu e recebia penas brandas. Por quê?

Levantava algumas hipóteses. Primeiro, que não importava o que dissesse, o padre falava com a minha mãe antes e já incluía as molecagens secretas e silenciosas.

Ou que meu anjo da guarda denunciava minhas baixarias por debaixo de suas asas.

Devido à injustiça divina, Anamara se ajoelhava alguns minutos para cumprir seu ato de contrição e logo brincava com nossos amigos e eu permanecia por noventa minutos no banco de madeira narrando um clássico entre São Judas Tadeu e São João Batista.

Só podia ter a influência de um delator! Como explicar que meu pecado basicamente consistia em brigar com meu irmão e ganhar a sentença de 120 ave-marias e 20 pai-nossos?

Não roubava, não colava nas provas. Deus costumava exagerar comigo.

No mundo doido dos adultos, o problema não se mostrava diferente.

Pais iam de paróquia a paróquia caçar padres compreensivos. Lembro ouvir a conversa de minha tia com a manicure no salão de beleza: – Vai lá na paróquia do São Geraldo, eu traí meu marido e tive que rezar somente vinte ave-marias...

– Não pode ser? De verdade? Vinte?

– Sim! Ele é muito mais moderno. É um jovem de cinquenta anos. Dá gosto de pecar!

Nos anos 1970 e 80, enxergava uma migração de fiéis, que procuravam um porta-voz complacente e simpático em outro bairro.

Ninguém desejava diminuir seus pecados, apenas encontrar um ouvido mais generoso.

O que não é ilegal. A fé não tem regras claras.

Sou do tempo da professora-planetário.

Tudo o que a criança fizesse absolutamente certo na escola recebia estrelinhas.

Ditado resultava em estrelinhas, temas com caligrafia caprichada arrebatavam estrelinhas, provas impecáveis conquistavam estrelinhas.

Muitos choravam com MB (Muito Bom), apesar dos 85% dos acertos, pois ficavam desprovidos da honraria. Pediam revisão para alcançar o céu das notas.

Não sei como a professora fazia, ela recortava a figura de algum lugar e colava em nossas páginas. Mantinha um arsenal infindável em caixinha de costura em cima da mesa, ao lado do apagador e do giz.

A manhã virava noite na Escola Imperatriz Leopoldina. Um observatório lunar.

A estrelinha inflamava a cobiça nos corredores. Representava o nosso adesivo, o nosso concurso de inteligência. Colegas disputavam a medalha no peito do caderno e ostentavam a vitória no recreio.

Nunca obtive nenhuma. Só vi nos outros. Só invejei sua existência de cinco pontas nas classes vizinhas.

No ensino fundamental, jamais atingi o posto de general. Fiquei como um soldado raso, passando no sufoco, de recuperação, e com letra feia.

Meu desempenho no máximo ganhava o alívio da caneta azul e escapava das aflições da caneta vermelha.

Levei o recalque para a vida adulta.

Ao cumprimentar meus filhos por uma boa ação, digo: — Parabéns com estrelinhas!

Eles não entendem. Eu sigo procurando cintilações na rotina escura.

Quando realizo qualquer atividade doméstica, o que mais queria era apresentar um caderno para a esposa e merecer o símbolo dourado.

Lavo louça, passo roupa, faxino a casa, aguardando secretamente a recompensa, ansioso pela esfera mirim descendo em minha folha pautada.

O que não aconteceu sempre se repete em mim. É uma nostalgia incurável. O que não vivemos não cansa de voltar.

Repriso minha infância momento a momento, procurando ver como seria o dia em que seria brindado com o galhardão máximo.

Umedeço o sorriso mais do que os olhos imaginando. Imaginando o que não virá.

Numa tarde de domingo, ao passear pelo Brique da Redenção em Porto Alegre (RS), imensa feira de artesanato que toma o Parque Farroupilha, encontrei uma pilha de revistas antigas *Amiga TV Tudo*.

Baqueou minha respiração: asma fulminante. Não guardo nenhuma tara por telenovelas e causos de celebridades.

É que a estrela do logotipo da publicação era exatamente a estrela que a tia colocava na correção.

Comprei quinze revistas para me redimir do trauma.

Atravessei tardes daquela semana recortando, acumulando brilho, montando minha constelação particular no escritório.

O que não entrava em minha cabeça era o fato de que minha professora amava fofoca de televisão. Até a perfeição tinha seus defeitos.

Na infância, desprezava a assinatura.

A vida vinha anônima, abundante. Não precisava ser alguém para ser feliz. Nem colocava autoria no desenho, em nenhum lugar. Aquilo que era mundo era meu.

Mas, aos 12 anos, minha mãe chegou com a tarefa que estragou o paraíso da impunidade.

– Treina sua assinatura que amanhã faremos sua carteira de identidade. – Como assim?

– Deve assinar seu nome e depois não pode mais mudar.

Minha história pode ser dividida antes do RG e depois do RG. É como se fosse vítima de abrupta redução da maioridade penal.

A missão me paralisou. Como assinar e não mais mudar? Como oferecer uma forma para sempre?

Foi uma condenação assustadora. Eu me vi preenchendo cadernos de caligrafias diariamente até os 80 anos.

De uma hora para outra, restava-me criar uma personalidade. Um risco autoral. Assumir uma responsabilidade infinita.

Nem tinha noção por onde começar.

Lembrei a profissão de meu pai – escritor – e que ele autografava seus livros para os leitores. Tinha traquejo, experiência, jorrava seu nome com extrema facilidade e sem variação.

Tomei sua assinatura emendada e passei a imitar com o apoio de um papel vegetal.

A grafia paterna se movimentava como um desenho. Um ideograma.

Seu “c” era uma pista de skate. Seu “ã” era igual ao “o”, só que vinha na contramão, da direita para esquerda. Seu “l” era uma árvore desfolhada. Seu “j” levantava um sol no acento. E o “r” se derramava como um escorregador.

Já não se assemelhava a uma assinatura, mas ao Parque Marinha do Brasil.

Por um breve momento, eu esqueci a tarefa e me divertia na praça de suas letras. Ficava na fila indiana com os colegas para descer nos brinquedos.

Inventava cenas e diálogos em meio ao sol da página em branco. Meu pai me empurrava no balanço. Meu pai disputava corrida da escada à lixeira laranja. Meu pai cuidava de mim com sua boina, seu casaco de couro e sua gargalhada alta e amiga.

Descobri que letra é feita para sonhar. Assim que criei minha assinatura. Espantada. Grande. Estranha. Absoluto espelho do meu pai.

Exercitei ao longo da madrugada o meu nome como se fosse uma continuação do nome do meu pai. Uma extensão de nossas pernas caminhando juntos. Inventei uma centopeia de tinta – minhas botas ortopédicas prosseguindo seus sapatos pretos de bico fino.

Não há nada mais íntimo do que ser um copista. Ao falsificar seu traço, tornei-me verdadeiro. Ao assinar, dou a mão ao meu pai.

Quando autografo minhas obras, a assinatura do meu pai está por baixo. É a minha sombra. É o meu apoio. É o meu fundo.

Ele vive me oferecendo colo por toda a eternidade das palavras.

O que mais adorava na biblioteca de minha escola eram as fichas ao final do livro. Tinha que assinar o nome enquanto a bibliotecária colocava a data de devolução. A leitura costumava vencer em sete dias.

Até hoje, adulto e independente, levo sete dias para ler um livro, mesmo que seja meu, com medo de pagar multa na minha escola. Internalizei o hábito. Não me desvencilhei do medo de atrasar.

Admirava o capricho do canto de leitura. Todos os livros mostravam a história dos seus leitores: quem leu, o período de quem se interessou por aquela obra. Com o registro dos hóspedes colado com um envelope na contracapa, pelo lado de dentro.

Poderia descobrir aqueles colegas que partilhavam de iguais afinidades, igual paixão, igual inclinação pelos enredos de amor.

Eu me entristecia quando puxava um volume qualquer da prateleira da Imperatriz Leopoldina e ninguém ainda o havia retirado. Ninguém!

Um livro que poderia estar há anos no acervo e jamais fora procurado, jamais fora levado para casa. A ficha vazia. O coração vazio de tinta. Os andares das linhas em branco. Como um hotel de letras imenso, falido; quartos de histórias vagos e fechados.

Como nenhum aluno se interessou? Como nenhum aluno sequer o pegou por engano?

O livro sem pai nem mãe, no orfanato das horas, imaculado, virgem, sem nenhum farelo de pão entre as páginas, sem nenhuma digital, sem nenhuma marcação de lápis.

O livro longe de uma família. Longe de um braço. Longe de um cuidado. Longe do cheiro achocolatado da térmica das mochilas.

Tão triste. Eu pegava para ler de propósito. Só para pôr um nome na fichinha e ele não morrer sozinho.

Eu me sentia um anjo justiceiro. Não queria deixar nenhum livro não lido. Nenhum livro parado, sem ter sido amado ou odiado.

Não lia o que gostava, lia para aprender a gostar.

A bibliotecária Noeli já conhecia minha mania, meu projeto de salvação. Aparecia no intervalo do recreio e pedia sua força: – Me ajuda a encontrar um livro que nunca foi lido?

Ela deixava sua mesa, não questionava meu hábito estranho e se levantava para catar comigo nas estantes uma capa ainda intacta, ainda inexplorada pelas turmas.

Podia ser romance, poesia, crônica, ensaio, adulto, infantil, de menino, de menina, de bicho, de biologia, de física. Não me assustava com o tema. O que desejava era registrar meu nome na aba e acabar com a maldição de pó e abandono.

Tornei-me leitor puramente por compaixão, somente para estrear livros na biblioteca.



Por que escritor?

Tenho pais escritores. O óbvio é deduzir que me tornei escritor para seguir o exemplo dos dois. Não é errado, mas também não é certo.

Há alguém no meio que me aproximou da literatura.

Meu irmão Rodrigo. Ele era letrista de uma banda de amigos e explorava a poesia com voracidade. Não sei se lia poesia para seduzir as mulheres ou a poesia o seduzia para seduzir as mulheres. A ordem dos fatores não alterava a cantada.

Os entardeceres trocaram de cor. A campainha não parava de tocar. Transformou o escritório materno num quartel-general sentimental do *rock*: fumaça, Nescafé batido e maratonas sobre ritmo e filosofia. Fui tomando seus amigos emprestados: Celso, Alexandre, Caco. Fui tomando suas leituras emprestadas: Rimbaud, Baudelaire, César Vallejo, Jim Morrison. Fui tomando seus LPs emprestados: Pink Floyd, Supertramp, Genesis. Fui tomando suas ideias emprestadas: “a casa só será tua casa quando fores o primeiro a sair”. Fui tomando sua insônia emprestada. Nunca devolvi nada. Inclusive tentei cortejar suas ex, mas não deu certo.

Iniciava uma conversa, não a dominava para continuar.

Sofria uma urgência de ser importante. Procurava o momento derradeiro para dizer algo no meio das discussões e atrair atenção para mim, o caçula do grupo. Costumava falar gratuidades, tipo o muro branco do *The Wall* significava o rato da infância do vocalista Roger Waters. Todos me olhavam com compaixão e retomavam o tema anterior. O que fazia ali? Indeciso, ia ficando, ninguém me convidou para entrar, muito menos me mandou ir embora.

Rodrigo era o poeta da família, o olhar oblíquo, de ressaca, um silêncio inconsequente, de quem está numa rodoviária sem esperar ônibus algum. Comecei a escrever para seduzi-lo a gostar de mim, depois já gostava de escrever, depois escrevia porque gostava de gostar. Ele pegava sua caneta bic e fazia setas, mostrando como poderia melhorar os poemas.

Esqueci a vocação paterna e materna tão atento que estava com a dele. Ele terminava um inédito: *As patas do firmamento*. Admirava suas inversões, o estilo metafísico, o mergulho profundo igual ao do Jacques Cousteau na tevê. Batucava no teclado compulsivamente. O curioso é que digitava no escuro. Somente deixava acesa a luz vermelha do dois em um. Escuro é escuro mesmo. Batia-se o texto à máquina. Não havia a tela luminosa de um computador para banhar o rosto.

Desde pequeno, ele desenhava e poetava. Colecionava cadernos com seus pensamentos e rimas. Guardava uma fúria incomum para a escrita e para a amizade. Não o concebia em outro lugar em toda a sua vida. O cara nasceu para aquilo. Meio gênio, meio maldito, com um desleixo alinhado. A barba rala, o cheiro acumulado da noite, a incompreensão irreversível de sua natureza.

Não desejava ser como ele, mas ser com ele. Até que numa manhã perto do Natal entrei no escritório e o vi chorando. Ele nem reparou que entrei, absorto em sua confusão. Havia se separado de um amor, por aquilo que entendi de uma fofoca de nossa mãe.

Ele tomou a máquina elétrica no colo e a atirou pela janela. O aparelho voou desengonçado como uma galinha preta, arrastando as asas do cabo, e explodiu nas grades.

Nunca mais retornou a escrever. Nunca mais.

Eu queria amar daquele jeito: violentamente. Por isso sou escritor.

Ou simplesmente esteja guardando lugar para meu irmão.

Viajava de carro com a família. Meu filho me questionou que cheiro era aquele na estrada.

Era de zorrilho.

– Mas é ruim, né? – ele comentou.

Não achava ruim, apesar de surgir quando o bichinho se sentia ameaçado e em perigo.

Eu me alegrava com o cheiro. Significava que entrava em Uruguaiana. Finalmente vencida os 650 quilômetros de chão.

Abria os vidros para que o vento me trouxesse a lufada característica de ingresso na cidade, o odor vinha envolvido com o sol da manhã batendo nas plantações de arroz ao fundo.

A raposinha era o primeiro aviso que desceria em Uruguaiana. Meu pórtico emocional.

Minha infância voltava intacta com a nuvem do olfato: atravessar os trilhos do trem no inverno, quebrar o gelo do percurso de ferro até a escola União; tirar com os dedos a cal dos muros do Clube Ferro Carril; beber chimarrão na Praça Barão do Rio Branco com pipoca doce; acompanhar o desfile na Avenida Presidente Vargas.

Meu pai me levava para assistir à Califórnia da Canção. Funcionava como fonoaudiologia para mim. Sofrendo sérios problemas de dicção, ele me convidava para acompanhar as finais, pois consistia no único momento em que não tinha vergonha, perdia a timidez e cantava alto junto com milhares de pessoas. Eu, que mal falava, cantava no festival. Somente cantava em Uruguaiana.

Sempre o zorrilho como carteiro. Sempre o zorrilho oferecendo as boas-vindas.

Podia ser um cheiro ruim, mas era o cheiro de minha meninice. O cheiro de minha esperança. O cheiro de estar em família.

Era o cheiro da fronteira, da possibilidade de ouvir espanhol em Paso de los Libres e misturar idiomas.

Era o cheiro de minha solidão. Quando desistia de perguntar para minha mãe se estávamos chegando e tentava descobrir pela paisagem.

Era o cheiro da cumplicidade. Os adultos não me poupavam de nenhum assunto, me reconheciam como homenzinho para falar de coisas sérias e de negócios.

Era o cheiro da amizade, quando conversei pela primeira vez com um cavalo.

Era o cheiro da minha independência, quando trotei pelas coxilhas sem ninguém me acompanhar.

Era o cheiro da diversão, quando colhia as bolinhas de soja caídas do vagão para arremessar nos colegas.

Era o cheiro de que não vivi em vão, de que me lembrava o quanto jamais deixei de ser um menino feliz. Feliz porque aprendi a repartir minhas tristezas em Uruguaiiana.

A teimosia do gandula

Minha mãe saía para trabalhar e eu ficava sozinho em casa até o anoitecer.

Antes de se despedir, ganhava as instruções de arrumar o quarto, aquecer a comida, tomar banho e realizar os temas da escola. Mas havia sempre aquela advertência mais severa, dada no abraço e no beijo de tchau:

– Não abra a porta para ninguém! Ninguém, viu? Ninguém!

Numa dessas tardes desamparadas, a campainha tocou. Era minha tia Cléia. Já havia identificado pelo som meloso de seu timbre:

– Adorável sobrinho...

Toda tia carrega no perfume e na adjetivação. Toda tia é exagerada, o que soa involuntariamente cínico.

Espiei pela janelinha e não abri a porta.

Ela insistiu:

– Vejo você mexendo na cortina, meu adorável sobrinho, sua mãe me mandou aqui.

– Não posso, respondi. Não posso abrir para ninguém.

Ela gritou, esperneou, produziu escândalo, chamou os vizinhos, só que não cedi. Minha mãe depois veio reclamar que sua exigência não valia para quem era da família.

– Ninguém é ninguém!, bati o pé.

Lembrei a minha teimosia quando vi um gandula brigando com o jogador da Alemanha, nas oitavas de final da Copa do Mundo, em partida contra a Argélia, em Porto Alegre.

O atacante Kramer pediu a bola para aquecer no intervalo da prorrogação. Gesto natural, já que seria a próxima substituição do técnico Joachim Löw. Menos para o gandula. Na puberdade de seu bigodinho, enfrentou o número 23 da seleção germânica. Nem aí para a hierarquia do momento, ou para a importância do jogo tenso e dramático, sob o risco de ser decidido nos pênaltis.

– Não, impossível, só posso dar a bola dentro da partida – explicou o gandula.

Ele não falava alemão, o alemão não falava português. A linguagem que vingou foi a da coerção. Kramer teve que arrancar com violência a bola das mãos do adolescente.

O guri ainda tentou lutar em vão, reaver o objeto de sua estima. Em represália, ensaiou correr ao campo, porém recuou pelos assobios da torcida.

Eu me identifiquei com seu gesto. Mesmo se Joseph Blatter solicitasse a bola, ele negaria. Aquele homenzinho de capuz e tênis colorido recusaria com convicção qualquer infração à ordem recebida. Não abriria exceção para presidente da FIFA, tia, carteiraço, privilégios. Não estava em campo para interpretar a lei, e sim para executar tarefas até o fim. Custe o que custar.

Para a maioria dos torcedores, sua ação terminou sendo alvo de deboche, acolhida como falta de senso e burrice. Gerou longas vaias e risos. De pé, rompi a gozação, aplaudi isoladamente, bati palmas com força.

A obediência é tão rara, tão incomum, tão inesperada hoje em dia. Eu me alegrei ao testemunhar a ingenuidade comprometida com a palavra, a missão sendo cumprida à risca. Como é bonita a responsabilidade amadurecendo em um menino.

Sou do tempo em que as famílias tinham sempre uma criança que morria.

Ou no ventre ou dos perigos da hora. Ou por alguma doença ou por uma fatalidade na infância.

Morria-se de tuberculose, de pneumonia, de descuido.

Nascimento não oficializava filho, era preciso ainda sobreviver.

Mães geravam cinco a 15 crianças, uma gravidez atrás da outra. Dificilmente todas chegavam à vida adulta. Raramente alcançavam a velhice.

Junto às lápides dos avós, nos cemitérios do interior, natural localizar uma cruz infantil. Com a data de nascimento próxima da data de morte, de doer a vista para quem visitava os parentes falecidos.

Bebês quase aproveitavam o mesmo grito de nascimento para a sua despedida, representavam verdadeiros relâmpagos da existência.

Qualquer casa contava com uma criança morta, um fantasma mirim, alguém para lamentar o fim precoce e rezar rolando as pedras do terço pela mão.

Edir Macedo, o líder da Igreja Universal, é um dos sete filhos que restaram de 33 gestações de sua mãe. Trinta e três gestações! Eugênia sofreu 16 abortos e perdeu 10 filhos prematuros. Suportou a perda de 26 rebentos. Enterrou 26 rebentos em seu coração. Não podia nem se dar ao luxo de se entristecer porque seus meninos e meninas vivos esperavam o jantar ficar pronto.

Não era fácil atingir a maioridade. Filhos se viravam, trabalhavam cedo, pegavam na enxada, estavam sujeitos a acidentes, sem nenhuma proteção.

Os berços de madeira antecipavam caixões.

Sou do tempo em que morrer não rendia cerimônia. Lamentava-se por uma semana, e resolvia-se o luto observando as estrelas e contando histórias.

Meu pai teve sete irmãos, um deles faleceu: Elisabete, aos 12 anos, de tuberculose. Ele lembra que dividia a escova de dente com sua irmã e aceitou o fato como uma provação.

As famílias sofriam uma baixa, uma perda invariavelmente. Uma cama restaria vazia, um lugar na mesa se manteria maldito, brinquedos seriam reutilizados como talismãs de um ente querido.

Sou o terceiro filho de quatro irmãos. Eu, Rodrigo e Miguel guardamos uma diferença de dois anos exatamente. Entre a Carla e o Rodrigo, a diferença é de cinco anos, quebrou-se a escadinha, pois a mãe perdeu uma gestação no meio deles.

Na minha adolescência, a mãe escutava esse filho que não veio conversando com a gente. Diante da ausência falante, não reagíamos com medo e pavor; filhos morriam ou não nasciam e seguiam sendo lembrados na trajetória inteira.

Não separávamos morrer e não morrer. Não representavam dimensões opostas, conceitos antagônicos. O sobrenatural não nos assustava, tampouco nos ameaçava. Não se culpava Deus por aqueles que se iam, mas se agradecia a Deus por aqueles que permaneciam.

Sou do tempo em que se acreditava que um dia todos se encontrariam novamente no céu – só era questão de tempo.



O sonho é minha imensa saudade de você

Os sonhos são conversas que deveriam ter acontecido.

Sonhei com meu amigo Rafael, colega do ensino médio, ainda impactado pela sua morte repentina, aos 42 anos, em acidente de carro no final de maio.

Rafa estava sentado em um refeitório, sozinho, olhando para frente.

Ambiente muito claro. Muito iluminado.

Apoiava seus braços na mesa. Não comia nada. Não usava óculos, como na escola. Daquela época, mantinha os cabelos molhados para acalmar redemoinhos.

Cheguei perto e fui cumprimentá-lo com intimidade, colocando meu corpo para frente, disposto ao abraço.

Ele me alertou:

– Você está se confundindo, pensando que sou uma outra pessoa, né?

Eu engasguei, revistei o passado para ciscar na memória se ele tinha um irmão gêmeo, um irmão parecido.

Não. Não. De modo nenhum. Era ele. O riso imenso. O riso com os dentes dos olhos brilhando. O riso sábio. O riso enciclopédico. O riso com todos os risos do mundo.

– Você não é o Rafael? Rafael Lodeiro Müller?

– Não. Depois que a gente morre, a gente é outro.

Ao perceber meu rosto triste, ele buscou me consolar.

– Calma, calma. Eu sei quem foi Rafael.

– Para de loucura! Você é o Rafael!

– Eu fui Rafael. Woody, sei que é inteligente...

(Recordei que ele sempre me chamava de Woody, em homenagem ao cineasta Woody Allen.) – Sei que vai entender, parece complicado, mas não é. Você morreu para mim, mas eu estou vivo para você.

– Eu é que morri?

– Sim, você é que morreu. Pois não estou mais no mundo para lembrá-lo, para sentir saudade, para sofrer com sua falta. É você que sonha comigo, não sou eu que sonho contigo, há uma diferença importante aí, não posso mais sonhar contigo.

– Então você está vivo para mim e eu estou morto para você?

– Sim. Isso. Rafael nunca esteve tão vivo como agora. Está vivo na mulher, está vivo nos filhos, está vivo nos seus irmãos, está vivo nos seus pais, está vivo nos seus sobrinhos, está vivo nos seus colegas de hospital, de plantão, de consultório, nos seus amigos de infância e adolescência. Nunca poderei morrer naquilo que signifiquei para eles. Não posso morrer em você, Woody. A alma não é um cemitério calmo, é um jardim bem barulhento.

Os sonhos, portanto, são conversas que aconteceram no coração.

O pão francês consagrou a solidão.

Ao ser vendido por unidade, tornou-se a glória dos solteiros. Não precisávamos mais nos preocupar com a família na hora de comer.

Podia-se comprar um ou dois pãezinhos, de acordo com a nossa vontade, e não sobraria nada.

Foi a independência da fome, o descolamento do apetite do planejamento coletivo.

Morreu o aviso da passagem na padaria. O produto dispensava, inclusive, a faca, acabara o ritual das fatias e de se importar com o outro.

Na minha infância, não tinha nada de isolar o pão do resto da turma. Só se vendia de meio quilo ou 1/4. Pedia acompanhamento, partilha, generosidade.

Cortar o pão correspondia a pensar no pai, na mãe, nos irmãos.

A família morava dentro do pão. O ideal de família grande.

Aprendia-se a fatiar de modo idêntico, para ninguém ser beneficiado com mais miolo ou mais casca.

Cuidava para não rasgar a folha vegetal que embalava o produto com os dentes da faca, pois sempre servia para desenhos ou para fazer anotações de última hora.

O papel cinza do pão e o papel de seda azul da maçã constituíam a papelaria predileta da nossa cozinha, guardados na gaveta como fortuna para prováveis pacotes.

Aliás, induzido pela etiqueta “Manzanas Argentina” nas caixinhas, eu mantinha a ideia extravagante de que todas as maçãs do mundo vinham da Argentina, de que Adão e Eva eram argentinos, de que o pecado era argentino, de que até a serpente era argentina.

O barbante amarrado pelo padeiro agia como um lacre de segurança, para ver se os compradores — nós, crianças! — não caíam em tentação e não furtavam pedaços antes da hora.

Ao chegar em casa, o nó intacto do embrulho provava que a mercadoria tinha sido preservada da gula e da injustiça familiar. Havia táticas para burlar o sistema, porém muito arriscadas e que podiam resultar em castigos no quartinho escuro.

No jantar, contava-se o que cada um comia, a parte mais divertida do entardecer. Criávamos um placar caseiro, onde nos provocávamos e censurávamos o próximo.

“Já comeu sua parte, devolve!:)” a frase preferida da turma. Havia um prazer indescritível em fazer flagrante e repreender o irmão.

O pão inteiro possibilitava uma proximidade que não existe mais.

Hoje, unitário e conservado em saquinhos, inspiram o abandono da mesa.

Aqueles pães engaiolados no saco transparente me despertam compaixão. Pássaros de trigo mudos. Sem o alarido da guerra pelos farelos.

Técnicas domésticas

Quando criança, na minha escola pública (Imperatriz Leopoldina), tinha uma disciplina chamada Técnicas Domésticas.

Aprendi a mexer com agulha e linha em sala de aula. Aprendi a passar roupa.

Não era obrigação de menina, era regra de sobrevivência, para conservar e fazer durar o uniforme escolar.

Desde lá, sei pregar botões, sei consertar tecidos.

Saber costurar é uma demonstração de ternura.

Tão bonito pegar um moletom do filho e fechar um rasgo.

Tão bonito pegar a calça do filho e fazer a bainha.

Tão bonito ver um botão solto da camisa do filho e arrumar em poucos minutos porque ele está atrasado.

Não há cena mais emocionante do que costurar meias. Meias que rasgam nos calcanhares. Fechar com a linha da cor da meia para ninguém perceber.

É muita esperança não jogar fora um par de meias e oferecer uma segunda vida. Demonstra que você não se desfaz das coisas facilmente, que não vai dispensar as pessoas facilmente, que você tenta primeiro remendar, que não é do tipo que estragou e compra outra, que não descarta simplesmente porque foi barato.

Costurar meia é para aqueles que acreditam na família, acreditam em superação, acreditam no casamento, acreditam que vale a pena almoçar juntos.

(Já cueca, por favor, não dá para costurar. Costurar cueca não é esperança, é muito desespero.)



Por que menino não brinca de boneca?

Tentei brincar de boneca. Não posso dizer que não experimentei. Esperei a irmã sair de perto e ir para aula de dança de tarde. De fininho, simulando que seguia para o banheiro no fundo do corredor, entrei em seu quarto rosa e roubei a Barbie para ver qual era. Acho que o ato se enquadrava em sequestro. Desfalquei a dona da casinha enquanto se olhava na penteadeira e corri para o pátio. Ken não notou o sumiço de sua esposa – era vaidoso demais para ser atento.

Com a respiração ofegante, meu primeiro passo foi tirar as roupas dela. Com ânsia, trocando os dedos, decidido a reencontrar as curvas e volúpia que tanto me deslumbrava nas mulheres. Na ausência paterna, depois do divórcio, a mãe me levava à piscina pelo vestiário feminino – desvendi o éden de penugens loiras, morenas, ruivas desfilando com toalhas na cabeça.

Ao arrancar o vestido da Barbie, não reconheci o tremor. Veio a decepção: ela tinha o corpo chapado, opaco, reto, sem nenhuma reentrância. Só plástico. Não havia como ser médico, muito menos enfermeiro.

Larguei logo a loira para voltar a me entreter com a bola e os carrinhos, operações muito mais emocionantes, envolvendo colisões e malabarismos.

Ninguém me pegou em flagrante, mas não procurei disfarçar o desconforto. Aquilo não atiçava minha curiosidade. Não alimentava o olhar ávido, a sede de biologia, a força da anatomia.

Menina gosta de vestir boneca, menino gostaria de brincar de despir boneca, só que não tem graça. Não dá para imaginar nada. É preciso o mínimo de realidade para suscitar a fantasia.

Quando nua, a Barbie partilhava daquele desinteresse de manequim de loja. A falsidade não era excitante. Não induzia ao erro. Não inspirava expedições. Traduzia um erotismo broxante de tábua de passar.

Sou fã da nudez feminina desde pequeno. Minha alma lúdica sempre dependeu do desenho do corpo. Desenho leal, não croquis e rascunho.

Guri ama a emoção verdadeira do pecado. A visão fidedigna do pecado.

Quando fugi de casa

Durante a infância, quem já não tentou fugir de casa?

Minha fuga aconteceu aos seis anos. Escolhi o fim da tarde para escapar de meus pais. Levei uma malinha. Fico pensando o que tinha dentro dela. Lembro que nada que pudesse me sustentar nos próximos dias. Criança não consegue pensar em mais de dois dias para a frente.

Carregava meu saco de bolitas, um pião, cinco chocolates Bis, um pijama e uma bola de futebol. Achava que isso seria suficiente para o resto da vida. Não incluí nenhum produto de higiene – como menino, abominava os banhos e as escovadas de dente.

Não me despedi, bati apenas a porta com força. Caminhei 10 quadras para frente e decidi fazer um lanche na praça. Já entendia que fugir de casa cansa e dá fome.

Comi o chocolate imaginando que os meus pais e os meus irmãos chorariam com a minha partida, fariam equipes de busca para me localizar, que veria cartazes com meu rosto de desaparecido nos postes e finalmente seria famoso.

Transcorreram 10 minutos e eu já estava entediado. Dez minutos para uma criança não fazendo nada equivalem a uma semana. Aguentei uma hora brincando de sonhar a tristeza familiar.

Mas começou a esfriar, a escurecer, latidos e piares estranhos surgiram atrás de mim, não quis arriscar, meus olhos ligaram o farol alto do medo. Com meus passos miúdos e derrotados, retornei ao lar arrastando a mala.

Quando entrei na sala, jurando que seria aclamado entre abraços e lágrimas, constatei que a mãe cozinhava, o pai escrevia, os irmãos assistiam televisão. Todos tranquilos e ocupados com alguma coisa, nem viraram o pescoço para me cumprimentar.

Abandonei a família e ninguém reparou. Ninguém soube. Ninguém desconfiou.

Pretendia chamar a atenção e a estratégia não vingou. Qualquer despedida é uma maneira desesperada de ser chamado de volta. Tive que suportar a frustração, a discricção do amor, a falta de importância diante de tanta idealização.

Hoje vejo que coragem não era sair de casa, mas voltar. Não amadureci fugindo, mas ao reconhecer minhas fraquezas e regressar para a residência.

O país do invisível

A superstição é a inteligência dos objetos.

É quando repassamos para a madeira a autoridade do acaso, quando transferimos para a escada o domínio do infinito, quando autorizamos a vassoura a determinar casamentos.

Minha avó vivia cuidando de doenças e de problemas pela superstição. Ou preparava um chá especial ou providenciava uma simpatia. Espantava febres, tonturas e desconfortos com a farmácia caseira.

Nunca foi bruxa, mas tinha palavras santas. Preventiva e curativa, com um pé no passado e outro no futuro.

Pelos talheres, já antecipava visitas. Sempre que um deles caía na cozinha, profetizava a campainha. Garfo era homem. Faca era mulher. Não havia erro.

Pelos ouvidos quentes, já descobria se alguém andava falando mal dela. E desafiava o povo a contar as maldades recém-feitas.

Regia sua casa com uma legislação do sobrenatural. Eu me sentia importante seguindo suas regras. Às vezes desejava ser castigado para testar a veracidade dos rituais.

Entrava em sua residência em Guaporé como se fosse um novo país. O país do invisível. O país dos pressentimentos.

Respeitava mais porque não a entendia inteiramente. O mistério engrandece as pessoas.

Meus pais escreviam poesia, minha avó colocava em prática.

Ela jamais deixava a bolsa no chão, para não perder dinheiro.

Ela jamais abria o guarda-chuva dentro de casa, que trazia morte.

Ela invertia o rodo atrás da porta para afastar visitas indesejadas.

Ela derramava flores de maracujá no chão dos prepotentes.

Minha vó inventava soluções. Depois que morreu, minha vida ficou sem respostas.

Na infância, um dia acordei com telhas debaixo da cama. Ela explicou que aquilo serviria para dar telhado aos meus sonhos.

Adorava seus argumentos. Ela estava à frente de seu tempo porque respeitava tempos antigos.

Quando os pais brigavam, recomendava que limpassem os espelhos.

Todos os espelhos da casa, inclusive dos banheiros e dos quartos. Pois os espelhos se comunicavam entre si. Como um riacho pelas paredes.

As ofensas, as caretas e os horrores das discussões permaneceriam dentro dos reflexos, e o casal repetiria brigas passadas. A memória do ódio cobriria seus rostos no momento de se arrumar na manhã seguinte.

Eu acredito na loucura de minha avó.

Meus espelhos sempre estão brilhando para dias inéditos.



Casa alugada na praia

Não possuir uma casa no litoral tinha seu valor.

Nunca sabíamos onde passaríamos o verão.

Nem o paradeiro, muito menos o endereço. Dependia da finança paterna.

Quando sobrava dinheiro, rumávamos para Santa Catarina. Quando faltava, íamos pelas praias mais próximas, como Pinhal e Cidreira.

Era uma surpresa constante.

Meu pai arrumava as malas, ajeitava o caos no bagageiro, reclamava que não veria nada pelo retrovisor e não abria nenhuma informação do nosso destino. Ele nos levava no escuro até o local que escolheu.

Brincávamos de cabra-cega durante o percurso.

Onde será? Quantas quadras do mar? Toda casa que enxergávamos pela janela poderia ser a nossa.

Eu me emocionava só de imaginar, nem precisava acontecer.

Meus pais preferiam alugar e eu também.

Porque despertava uma inveja alegre entre os irmãos.

Quem ficará com o melhor quarto, a melhor vista, o melhor esconderijo?

A entrada pela porta gerava uma corrida desesperada de inspeção.

– É meu, é meu, é meu! – os quatro filhos subiam as escadas e apontavam sem parar.

Não olhávamos direito o conjunto, invadíamos cada cama com a sanha de Colombos, Américos, Cabrais da orla, descobridores de novas terras e civilizações. Com o grito, queríamos garantir a prioridade da escolha.

Não deveria ser simples distribuir os lugares. Desencadeava decepção e piquete: – Mãe, não vale, pedi primeiro!

Nossa justificativa infantil estava estruturada em pedir primeiro e depois fazer manha.

Vinha um sentimento confuso e misterioso na hora de ocupar o imóvel. Bendito e maldito, prazeroso e melancólico.

Era entrar numa residência totalmente desconhecida e mobiliada. O aluguel apenas civilizava o nosso roubo.

Desfrutaríamos de trinta dias para encarnar uma segunda família, já que a nossa não havia dado muito certo.

Não tirávamos férias somente de espaço e de tempo, mas também de personalidade.

Experimentávamos uma decoração diferente, costumes diferentes, um arranjo doméstico diferente, de quem a gente nem ouviu falar.

A mãe abria as gavetas para avaliar os talheres, abria as despensas para julgar panelas e pratos. Quando reconhecia algo bom, exclamava: – Nossa, vai facilitar a vida!

Tanto que não carregava meus brinquedos na viagem, com exceção da bola.

Encontrava bicicleta de pneu furado, baldes e tralhas de crianças no depósito.

Alugar residência na praia significava herdar a infância de um outro menino.

Fingia não ser eu, colecionava cartas, perdia tardes consertando jogos, esquecia o meu futuro cuidando do passado de alguém.

Mantenho esse esquisito e fascinante veraneio dentro de mim. Consciente de que o mar nunca foi meu, sempre tive que devolvê-lo quando chegava março.

Minha árvore predileta

Assim como crianças cuidam de cachorro ou gato ou hamster ou tartaruga, eu protegia uma árvore na infância.

Uma árvore toda minha. Uma árvore de estimação. O balanço significava a minha coleira. Quando estava triste, andava sentado no balanço. Quando estava alegre, andava de pé no balanço.

Eu conversava com a árvore, ela me lambia de volta. Eu jogava um osso para o alto, ela pegava com a sua boca.

A ameixeira ficava no centro do pátio e me levava para os telhados dos vizinhos.

Era a proa de um navio, a cabine de um avião.

Era minha escada para assistir ao mundo de cima. Tinha um esconderijo no alto dela, um observatório privilegiado da movimentação da casa. No momento em que cometia um crime doméstico, quebrar um vaso ou responder aos meus pais com palavrão, refugiava-me em seus domínios e não me mexia para não ser descoberto e posto de castigo. Eu me fingia de coruja, de pintassilgo, de sabiá.

Era minha torre de guerra, quando arremessava ameixas nos meus irmãos sem que eles percebessem. Já venci grandes batalhas em suas muradas e impedi invasões dos manos com artilharia pesada.

Era minha melhor amiga. Minha conselheira. Tomado de tristeza dos amores platônicos, fechava os olhos e ouvia sua sinfonia de folhas. Somente minha árvore era capaz de me acalmar – banhava meu rosto de vento e esperança, me fazia cócegas com sua penugem de flores.

Minha árvore latia para quem me incomodasse. E cantava para quem me amava.

Ela me ensinou a descascar frutas, a cuspir caroços longe, a me equilibrar em uma perna e não ter medo de altura, a cair com os joelhos flexionados.

Era meu escritório de poemas. Minha água-furtada. Meu assoalho no céu. Levava um bloco e caneta e escrevia cartas para as futuras ex-

namoradas.

Dormi em minha árvore predileta várias vezes, sesteava com o barulho intermitente das cigarras.

Eu segurava sua cintura e ela me convidava para dançar, pisei em seus pés no começo e ela não se importou, não reclamou, disse para seguir a música de dentro.

Ela fazia aniversário em outubro, cinco dias antes de meu aniversário, sei que era de Libra, nunca descobri seu ascendente e sua lua.

Fui seu tatuador, talhei um coração com meu nome em sua madeira, com as datas embaralhadas de nossos nascimentos.

Ela assobiava no verão. Ela ria no outono. Ela chorava no inverno. Ela pedia minha ajuda na primavera, estava muito carregada de frutas e quase desmaiava. Eu comia tudo o que podia em uma única tarde para garantir sua dieta.

Não deixei que a mãe pendurasse a corda do varal em seus ombros. Ela era criança para trabalhar na lavanderia secando roupas. A mãe amarrava, eu ia lá e desamarrava.

Durante dias, seguimos esta luta silenciosa, este cabo de força, e acabei vencendo. Ela me agradeceu com um balão azul que apanhou com seus galhos de alguma festa perdida.

Levava minha árvore a passear pelo bairro com o meu binóculo. Ela enxergava até a igreja São Sebastião, numa distância de um quilômetro.

Minha árvore adoeceu quando completei 10 anos. Teve o câncer de árvore, chamado de broca pelo adultos e de ferrugem pelas crianças. Sua madeira apodreceu. E perdeu seus braços e ficou apenas um tronco podado, uma estaca, uma cruz no pátio.

Minha árvore morreu de pé, como uma guerreira. Morreu ainda me esperando para o último abraço.

Quando as palavras voaram

Nossa vida não é triste.

Mesmo quando não temos uma alegria, temos uma esperança.

A esperança é a alegria nascendo.

Nunca fui vítima do passado, órfão da memória, coitadinho da infância.

Não me diferenciei pela dor, nem me destaquei pela tristeza.

Detesto reclamar. Reclamar só chama rancor.

O que eu passei, passei, superei de algum jeito, os traumas não me mataram.

As brigas não me levaram ao ódio e ao ressentimento. Não fiquei sequelado.

Aquilo que parecia um sofrimento eterno também esqueci.

Não irei me vangloriar das feridas. Gosto mais das minhas sardas do que das minhas cicatrizes.

Sofri o que aguentei. Aguentar é deixar de sofrer.

Fui educado numa escola pública em que não tinha ninguém para me defender.

Durante dois anos, cedi meu prato de comida para a turma da Rua Lavras. O bom é que odiava polenta, a refeição básica da época.

Era terrível a gangue formada por garotos quatro anos mais velhos do que eu. Andava com canivete e chaco. Arrastava vítimas pelos corredores do Imperatriz Leopoldina. Cobrava a feitura de temas e revistava bolsos dos colegas no recreio.

Desfalcou várias vezes a minha mochila. Levou estojos, cadernos, régua e a coleção de bolitas.

Sobrevivi ao roubo. Sobrevivi ao medo. Sobrevivi aos reveses.

Lembro que eles me seguraram pelos pés na janela do terceiro andar do refeitório.

Fiquei balançando do lado de fora. Um ioiô das risadas dos meninos.

Eu gritava de horror.

Quinze minutos balançando pelo avesso. Um enforcado dos pés.
Como se estivesse num kamikaze do parque de diversão.
Alucinado de ponta-cabeça. Batendo com o peito na parede do lado de fora.

Minhas palavras de socorro voaram pelo pátio. Pelo bairro. Foi quando aprendi a voar pela boca.

Eu me esvaí em lágrimas como qualquer criança naquela situação-limite.

Devo ter mijado, devo ter babado, devo ter feito o testamento na hora.

Olhava para baixo e me enxergava despedaçado no concreto.

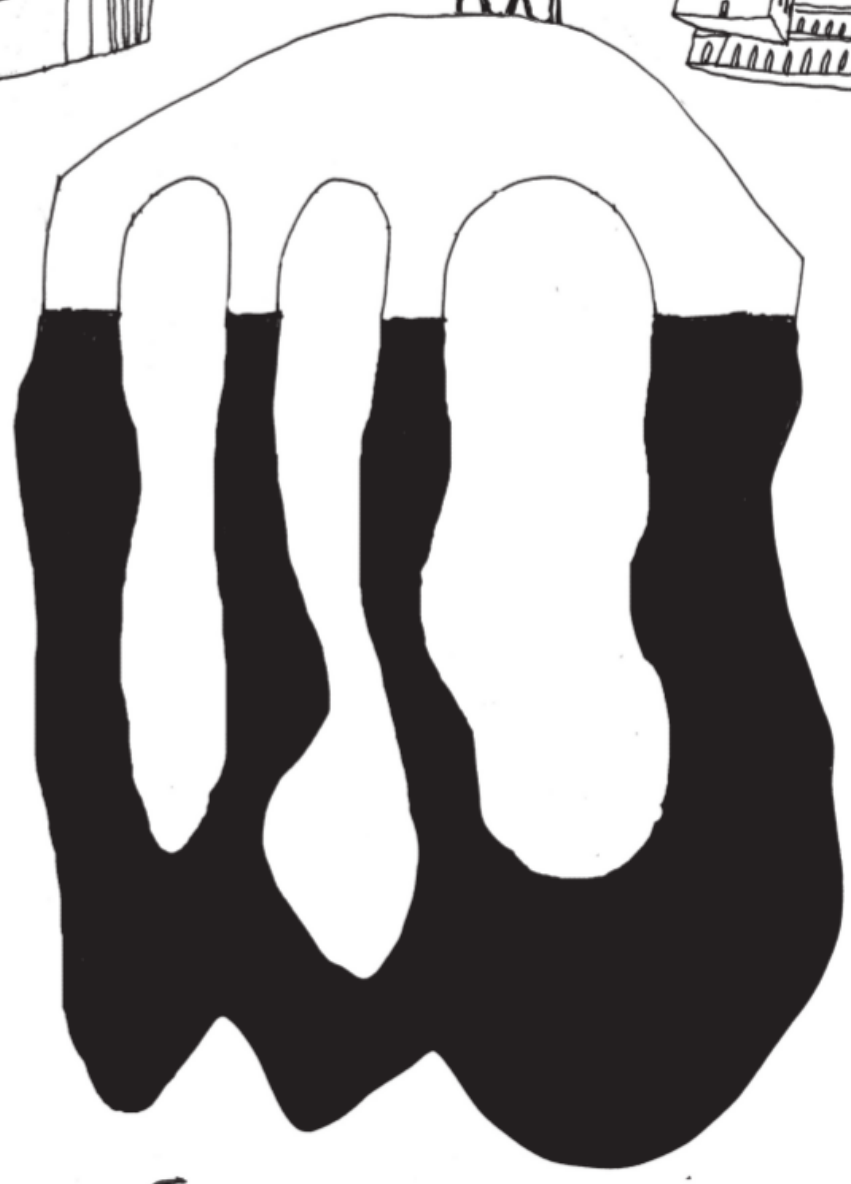
A poça de sangue marcaria a minha despedida do mundo.

Os guris me mantinham preso apenas pelos tênis.

Agradeço que usava Kichute amarrado nas canelas, o calçado nunca escorregava. O cadarço firme como um cordão umbilical.

Se não fosse o Kichute, estaria morto.

Sempre teremos uma esperança maior do que a tristeza. A esperança já é uma alegria. Mesmo que seja um Kichute.



Porto Alegre a pé

Eu voltava das festas a pé com os amigos.

Não tinha nem dinheiro para bebida, muito menos para o táxi.

Não interessava a distância. A ausência de opção resolvia a vida.

Enfrentávamos o perigo com o destemor da cumplicidade.

Ia caminhando com os amigos. Recapitulando as frustrações ou os namoros das reuniões dançantes.

Porto Alegre não é e nunca será uma cidade grande para o adolescente.

A distância se abreviava na conversa à toa, nas descobertas, na expectativa da opinião de meus confidentes.

Já caminhei de Ipanema a Petrópolis, da Cavallhada a Petrópolis. Se eu fosse um carro na juventude, ultrapassava os quinhentos mil quilômetros rodados.

Meus tênis cediam primeiro pelas solas, furavam nas pontas, marcas da herança dos paralelepípedos.

Era impressionante que não me cansava e não reclamava da lonjura. A amizade oferecia, além do fôlego extra, uma distração dos problemas.

Tomava carona nas vozes de meus amigos.

Avançava por ruelas escuras, por bairros apagados. A algazarra superava o medo do assalto. Quem estava perdido por ali é que ficava com medo da gente.

Não há sensação mais agradável do que percorrer a própria cidade ao clarão da lua, acompanhado da turma de sua confiança.

Ouvia os nossos passos nas calçadas, e os pássaros madrugando com seus piores.

A claridade chegava aos poucos, a fome pedia passagem, aguardava o futuro com cheiro de almoço pronto.

Falávamos sem parar, até entrar em nosso bairro.

Naquele momento, estranhamente nos calávamos.

Quatro quarteirões antes do portão de casa, fechávamos a matraca.

Bastava dobrar na Rua Carazinho, que não trocávamos mais nenhuma mensagem.

A avenida representava o marco de nosso laconismo.

Sumiam as palavras. Como um código. Como um princípio ético.

Não é que faltava assunto, ou que acabara o filão dos segredos e dos espantos amorosos para serem repartidos.

O silêncio nos preparava para a despedida.

O silêncio, desde aquela época, diminui a angústia da separação.

O silêncio é quando a intimidade vira pensamento. É um respeito pela importância do que foi escutado.

É quando começamos a dormir devagar e atravessar a pé os nossos sonhos.

Já os sonhos precisam de solidão. É um trajeto isolado, por mais que tenhamos bons amigos.

O tênis que deixou de ser branco

Gentileza gerava gentileza, cuidados resultavam em agradecimentos, até a mãe inventar de lavar meu All-Star.

Neste momento, acabou a ingenuidade de nossa relação. Depois desse dia, passei a chavear meu quarto e espalhar cartazes de “Proibido entrar” e “Não mexa em minhas coisas”. Estabeleceu-se um clima de suspeita, reparava onde deixava as minhas roupas e conferia se permaneciam no mesmo lugar.

Houve uma quebra da corrente do bem em casa. Eu descobri que as intenções não condiziam com a realidade, que fazer favor sem a consulta do interessado desencadeava as maiores brigas.

O fim da minha obediência cega ao amor materno aconteceu justamente quando eu vi meu tênis branco de língua escancarada, secando no varal, preso por dois prendedores. Foi uma tristeza irreversível.

A mãe desejou me preparar uma surpresa e se deu mal, ela buscou tirar o chulé e renovar meu par com um banho de espuma e Clorofina e me desagradou profundamente.

Destruí a autenticidade de meu tênis. Nunca mais foi o mesmo: meu tênis *cult*, invejado pelos colegas, confortável, carismático do recreio, curinga das roupas dos mais diferentes estilos e cores.

Meu tênis sujo tinha aparência de novo. Quando lavado, ficou velho. Ganhou os anos de seu uso, tudo de uma vez. Porque ficou com um branco falso, um branco aspirina, um branco exagerado, um branco escovado, que não tinha no ato de compra.

Adquiriu uma brancura desbotada, arrepiada de pano de chão, diferente do branco encardido e charmoso, que demorei dois anos para imprimir em seu couro. Os cadarços destoavam do conjunto, correntes de um cadeado.

Toda revolta filial começa quando sua mãe lava o tênis sem lhe perguntar.

Ela não respeitou que o tênis não estava imundo, aquilo era estilo de vida, enobrecido nos meus pés como uísque em barris de carvalho. Custou muito chão, demorou para se moldar e assumir uma feição despojada e vivida.

Por suas manias de limpeza, estragou um longo trabalho de depuração. Queria ver qual seria sua atitude se eu passasse verniz em seus móveis de demolição.

O tênis significava o uniforme de minha independência. Não se podia pegá-lo de modo arbitrário, colocá-lo no balde e transformá-lo numa pantufa.

Jamais confiei de novo nos adultos.



Menino da verdade

Tenho uma multidão de Pinóquios.

Coleciono o boneco de madeira. É o meu presente predileto. Os amigos já viajam com a encomenda em vista. Nunca é demais, arrumo espaço no teto, nas paredes, nas prateleiras. Jamais me decepção. Sempre vibro quando recebo mais um modelo, ainda mais se é títere, com os fios embaralhados, para me sentir esperto em tirar o nó.

Na infância, eu apenas ganhava bolas de futebol. E tampouco me cansava. Cheguei ao cúmulo de contar com dez bolas no quarto – impossível era andar no escuro.

Adepto dos presentes monotemáticos, gosto de algo até me fartar. Eu transformo predileção em obsessão; preferência, em mania.

Pelo menos ninguém precisa se preocupar em me adivinhar. Facilito o trabalho no Natal.

Ainda faço cara de surpresa sendo um presente igual ao outro.

O que não considero justo é deduzir que sou mentiroso porque adoro Pinóquio.

Ele não poderia ser sinônimo da trapaça e do engano. Faz travessias inimagináveis para honrar suas promessas e guardar o que é justo.

Pinóquio é o contrário da sua fama: é o esforço que todos passamos para alcançar a verdade. É a insistência da verdade. É a teimosia da verdade. O caminho não é linear. Não nascemos, somos fabricados. Nascer só acontece depois de amar. Temos que nos perder para valorizar o que encontramos.

Pinóquio é tradução de sofrimento infantil. Um exemplo de honestidade – ele erra para aprender, assimila a si mesmo devagar, tropeçando com a mais pura das intenções.

É a demonstração da lealdade ao seu pai Geppetto e ao seu começo.

Pois crescer não é amadurecer. Tem gente que cresce e jamais amadurece. Pinóquio amadurece dentro do sofrimento.

Pinóquio sou eu.

Quando peço o Pinóquio de presente, estou dizendo que não tive infância, busco restaurar uma tranquilidade que não conheci nos anos de alfabetização.

Quando peço o Pinóquio de presente, estou dizendo que confiava em grilos e amigos imaginários, que sempre acreditei no invisível para dividir minhas aflições.

Quando peço o Pinóquio de presente, estou dizendo que sofri gozação dos colegas, que me chamaram de burro e asno, que troçaram da minha aparência, que me maltrataram com frequência, a ponto de me colocar de cabeça para baixo na janela da escola, que mesmo assim resisti e fui buscar o meu coração no interior do oceano e da baleia.

Quando peço o Pinóquio de presente, estou dizendo que não me escondi na fantasia, por mais que a realidade não me favorecesse, que aceitei quem sou, de madeira, frágil e imperfeito.

Quando peço o Pinóquio de presente, estou dizendo que não desisti de ter esperança, não me escondi na depressão, não parei de caminhar. Avancei sem entender. Fui adiante aguardando a solução do meu mistério.

Não sei quantos Pinóquios necessito receber para acalmar o choro da criança que fui. Mas um dia, se Deus quiser, eu me torno um menino da verdade.

Cebolão e escapulário

Amo ganhar presente.

Finjo que não, mas amo ganhar presente.

Digo que não precisava, mas amo ganhar presente.

Além de pinóquio, presente de minha preferência é o usado, nenhuma novidade ou lançamento.

É receber algo de precioso do outro. Algo que o outro usava.

É uma herança em vida. É uma partilha em vida. É desafiar a morte distribuindo a própria existência.

Pode ser um anel, um livro, um casaco.

Não há maior demonstração de amor do que subtrair um objeto de seu cotidiano para premiar um amigo.

É repassar, além da lembrança, o nosso estilo.

É repassar, além da homenagem, a nossa estima.

Diferente daquele que compra um novo para não emprestar, é dar o que é seu, pois encontramos quem nos representa, encontramos a nossa extensão, encontramos quem cuidará de nossa fortuna simbólica como se fosse a gente. É atravessar o espelho muito mais do que uma porta.

Recebi de meu pai um cebolão. Um relógio antigo, azul fosco, com pulseira de metal, da marca Technos. Fui descobrir depois que era do meu avô, e que a peça foi repassada de geração a geração.

Tinha 12 anos. Ele tirou de repente da mão esquerda no meio do almoço. Mal repousou em meu braço magrela: enorme, pesado, cintilante. Mais parecia um relógio de parede, um cuco do pulso.

Lembro que fiquei tão feliz que fui jogar futebol naquela tarde com o bambolê das horas balançando em meu pulso. Talvez tenha confundido com uma braçadeira de capitão.

Meu pai, quando me ofereceu o que mais gostava de presente, estava afirmando: – Tome, seu tempo é meu tempo.

Ele não alcançava apenas o relógio, e sim seu tempo. O tempo de suas convicções. O tempo de suas palavras. O tempo de suas recordações.

Carrego o relógio paterno com indisfarçável orgulho, assim como o escapulário de minha mãe.

Ela colocou em meu pescoço quando me formei em jornalismo, corrente de oração que foi da avó e da bisavó. Há o rosto de Cristo num coração em chamas. É um pouco assustador, como tudo que envolve a fé.

É curioso concluir que meu pai quis me dar seu tempo e minha mãe quis me dar seu Deus.

O primeiro preocupado com meu futuro e a segunda preocupada com a minha salvação.

Até hoje meu pai sempre diz que pensa em mim e minha mãe sempre diz que reza por mim.

Relógio e escapulário formam minha família no meu corpo.

Não somente casais têm alianças, mas também pais e filhos.

Fabrizio Carpinejar

Fabrizio Carpinejar acredita que a vida é feita para os corajosos. E que uma palavra na hora certa pode decidir caminhos. O autor nasceu em 1972, em Caxias do Sul (RS), e atualmente está radicado em Porto Alegre (RS). Poeta, cronista, jornalista e professor, publicou 30 livros ao longo de quinze anos de literatura. Atua como apresentador da TV Gazeta e da TVCOM, colunista do jornal *Zero Hora* e comentarista da Rádio Gaúcha. Ganhou vários prêmios, entre eles: duas vezes o Jabuti, edições 2009 e 2012, o de melhor livro infantojuvenil da Associação Paulista dos Críticos de Arte (APCA), em 2012, e o Olavo Bilac 2003, da Academia Brasileira de Letras.

Eloar Guazzelli

Nasceu em 1962, em Vacaria (RS). É ilustrador, quadrinista, diretor de arte para cinema e professor. Foi premiado em salões, como o Yomiuri International Cartoon Contest (1991), no Japão. Ficou em primeiro lugar na 2ª Bienal Internacional de Quadrinhos, além de premiações em festivais de cinema e humor no Brasil e no exterior.

Ilustrações: Eloar Guazzelli Projeto gráfico: Laura Guidali Amaral Laura
Guidali Amaral,

Rodrigo F.S. e Victória Piffero Revisão: Mônica Ballejo Canto

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

C298p

Carpinejar, Fabrício, 1972-Deixa a criança ser tímida / Fabrício
Carpinejar ; ilustrações Eloar Guazzelli. - 1. ed - Porto Alegre, RS :
Edelbra, 2015.

(Vida em pedaços ; 4)

ISBN 978-85-5590-035-8

1. Crônica. I. Guazzelli, Eloar. II. Título. III. Série.

14-18588

CDD-869.98

CDU: 821.134.3(81)-8

2016

Edelbra

www.edelbra.com.br

Central de Atendimento:

51 2118 4404 | cae@edelbra.com.br

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou copiada, por qualquer
meio, sem a permissão por escrito da editora.